

## **MEDIAÇÃO ESCOLAR E DIREÇÃO DE TURMA: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DOS DIRETORES DE TURMA DO 3º CICLO NUMA ESCOLA DO BAIXO ALENTEJO**

---

Deolinda Valério, Universidade de Évora, [deolinda\\_valerio@iol.pt](mailto:deolinda_valerio@iol.pt)

Marília Favinha, Universidade de Évora, [mfavinha@uevora.pt](mailto:mfavinha@uevora.pt)

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo contribuir para a caracterização das práticas dos diretores de turma do 3º ciclo na escola secundária c/3º Ciclo Diogo de Gouveia, para aferir em que medida essas práticas são na realidade, as de um mediador.

No enquadramento desta problemática de investigação, surgiram sete objetivos específicos: Identificar as funções legisladas dos diretores de turma; Identificar as práticas dos/as diretores/as de turma do 3º Ciclo da ESDG; Conhecer a forma de atuação dos DT's em situações de conflito; explorar a oferta formativa disponível para o cargo de DT; Conhecer a formação obtida dos DT's do 3º ciclo da ESDG; Conhecer os obstáculos na realização das tarefas inerentes ao cargo de DT; e avaliar o grau de satisfação na realização das tarefas inerentes ao cargo de DT.

A abordagem ao tema da dissertação, Mediação Escolar e Direção de Turma, fez-se em primeiro lugar, a partir da revisão de literatura, através de diferentes textos e artigos de autores, que sustentam os conceitos trabalhados e da legislação que suporta uma e outra prática.

No estudo empírico recorreu-se à aplicação de entrevistas semi-diretivas, aos diretores de turma do 3º ciclo, da escola onde decorreu a investigação. Foram também observados documentos chave, para se obter uma caracterização das turmas, percebendo-se assim, a forma de atuação dos docentes no cargo de DT. Nesta etapa foi também necessário fundamentar as opções metodológicas, através de autores de referência.

Finalmente, numa tentativa de epílogo do trabalho realizado, tecem-se as considerações finais, onde se conclui que as práticas dos diretores de turma do 3º ciclo na ESDG, estão contempladas nas diretrizes legais que as orientam. Os seus procedimentos coincidem em diversas ações com a mediação escolar, no entanto, as diferenças acentuam-se na metodologia geral de intervenção.

**Palavras-Chave:** Escola; Direção de Turma; Conflito e Mediação Escolar

## **Introdução**

Este estudo pretende caracterizar as práticas dos diretores de turma do 3º ciclo da Escola Secundária Diogo de Gouveia, para aferir se essas práticas se definem com as competências de um mediador.

Embora se tenha optado por um estudo de caso qualitativo, tipologia que impossibilita a aplicação dos seus resultados a outras realidades (Quivy,2005), permite contudo verificar, através das experiências relatadas, a forma de atuação dos diretores de turma do 3º ciclo na escola em causa. Desta forma, podemos fazer uma caracterização dos procedimentos adotados pelos docentes com o cargo de diretor de turma, porque embora não exista nas escolas a figura formal do mediador, essas funções podem estar focadas no cargo de diretor de turma.

Assim, pretende-se que com o resultado deste trabalho de investigação, se possa conhecer as funções legisladas e as funções efetivas dos diretores de turma da escola em análise, à luz da concetualização da mediação escolar.

Este trabalho de investigação está dividido em duas partes: a primeira, dedicada à revisão da literatura, sobre os temas tratados, que implica uma exploração dos conceitos, quer ao nível da direção de turma, quer ao nível da mediação e da mediação escolar em particular.

Numa segunda parte, dedicada à metodologia de investigação é descrito o processo de trabalho de campo, desde a pergunta de partida, à definição de objetivos, a tipologia do estudo, os métodos e as técnicas adotadas, a delimitação do campo e unidade de análise, até à apresentação dos dados e interpretação dos resultados que conduziram às considerações finais.

## 1.1. FAMÍLIA, ESCOLA E COMUNIDADE

---

As Ciências da Educação têm servido de base teórica, à construção do conhecimento científico, fundamentado em cada momento naquilo que a realidade vai apresentando. Numa sociedade cada vez mais dinâmica e heterogénea, a escola tem sofrido inúmeras alterações: sociais, físicas, legislativas, curriculares ... Portanto, é natural que a abordagem, os estudos, as perspectivas, as visões e em última análise a intervenção escolar, seja também ela diversificada - sistémica<sup>1</sup>.

Dos elementos envolvidos no sistema educativo, consideramos a família, a escola e a comunidade, onde existem atores e fatores que determinam o sucesso dos jovens e a sua formação enquanto pessoas.

A família, responsável pela educação de base da criança dita os primeiros ensinamentos, no entanto cada uma utiliza os seus métodos mais ou menos controversos, rigorosos, permissivos ou reprobatórios. Na maior parte dos casos esta instrução cabe aos pais e/ou familiares mais próximos.

A escola, sendo uma instituição regida sobretudo por diretrizes superiores políticas e organizacionais, impõe regras, normas e regulamentos, aos quais o aluno/a se submete, por intermédio do/a professor/a e se compromete a aprender. O cenário de sala de aula é, ao contrário do contexto familiar, “artificial”, onde as crianças/jovens, são agrupadas por níveis de ensino e por disciplina, sabendo que as suas competências e tarefas estão a ser observadas pelos professores e reguladas pelos seus pares.

A comunidade encarrega-se de ensinar “o resto”, normalmente os amigos, personagens principais neste sistema, que conseguem persuadir os seus pares, para o “bem” ou para o “mal”. Cada aluno/a transporta consigo uma experiência de vida diferente, atribui à escola uma importância diferente e sobretudo os seus objetivos

---

<sup>1</sup> A intervenção sistémica baseia-se na Teoria Geral dos Sistemas que se define como uma realidade organizada, feita de elementos solidários, só podendo ser definidos uns em relação aos outros em função do seu lugar nessa totalidade. A teoria de sistemas, cujos primeiros enunciados datam de 1925, foi proposta em 1937 pelo [biólogo Ludwig von Bertalanffy](#), tendo alcançado o seu auge de divulgação na [década de 50](#). (ALVAREZ, 1990). Em 1956 [Ross Ashby](#) introduziu o conceito na [ciência cibernética](#).

futuros, são também diferentes, ou seja, cada um tem uma carga bio-psico-social diferenciada.

Em Portugal, no início do século passado, o ensino regia-se por uma seleção quase “natural”, onde *não* existiam conflitos. Por exemplo, o facto de as raparigas estarem separadas dos rapazes, o facto de a escola receber maioritariamente filhos de pessoas com posses, o facto do regime político da época impedir manifestações públicas de expressão, o facto de não haver imigrantes em Portugal e até o facto das crianças menos dotadas intelectualmente, serem excluídas das escolas. Todos estes factores, contribuíam para a constituição de classes/turmas, praticamente homogéneos e de fácil controlo.

Hoje em dia, a situação é oposta. Vivemos numa sociedade multicultural, abriram-se as fronteiras às pessoas e aos costumes, até o papel do professor em sala de aula é encarado de outra forma, é mais um facilitador de aprendizagens, do que único detentor do conhecimento. Se falarmos de informação e tecnologia, então aí as transformações têm sido colossais, portanto, as implicações diretas dessas transformações, recaem inevitavelmente nas nossas crianças/jovens, agentes principais das nossas escolas.

## 1.2. CONFLITO

---

Jares, define o conflito como um *“fenómeno de incompatibilidade entre pessoas ou grupos, e está relacionado tanto com questões estruturais como com as mais pessoais (...) o conflito é um fenómeno dinâmico, dialéctico (...), é um processo social que percorre determinado itinerário com subidas e descidas de intensidade, com os seus modos de inflexão”*. (2002 p. 43).

Ainda o mesmo autor, identifica três tipos de teoria relativamente ao conceito de conflito: a *“dimensão estrutural da organização”*, as *“condutas do indivíduos”* e aquelas que *“combinam as duas perspectivas”*. Defende ainda que se deve ter também em consideração que *“o contexto pode modificar, alterar (...) tanto a génese e intensidade do conflito como as próprias possibilidades de resolução”* (Jares, 2002 p. 45).

O conflito surge nas relações das pessoas e organizações e normalmente, acarreta um poder destrutivo, constituindo-se como obstáculo a uma relação. É um processo que se constitui das diferenças, das rivalidades e de toda diversidade da natureza humana.

Segundo Chiavenato, (2000) há uma relação de mútua dependência entre conflito e mudança, porque as mudanças precipitam os conflitos e os conflitos geram inovações. Os conflitos, mesmo ocultos ou reprimidos pela rigidez burocrática, tornam-se a consequência inevitável da mudança organizacional. Conflitos entre funcionários e clientes levam ao aparecimento de novas práticas e técnicas que ajudam a resolver esses conflitos e a reduzir temporariamente as tensões. Porém, as inovações utilizadas para resolver um conflito criam outros.

A figura seguinte pretende representar, esquematicamente, o desenvolvimento de uma comunidade/ instituição, em espiral porque não tem limitações.

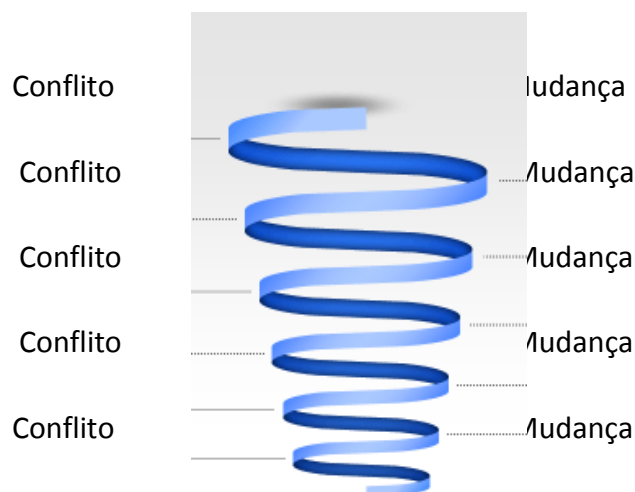


figura 1 (da autora)

### 1.3. MEDIAÇÃO

---

De acordo com Oliveira & Galego (2005), a prática da mediação tem vindo a constituir matéria de facto nos últimos trinta anos. Tendo surgido no universo Norte-Americano, com o objetivo de diminuir conflitos, tem vindo a constituir um recurso inegável para vários organismos que visavam prosseguir diferentes fins, nomeadamente os mais vocacionados para os domínios negociais.

Visando a resolução de conflitos entre várias partes, a mediação é definida como: “ *um meio de procura de um acordo em que as partes são ajudadas por um especialista que orienta o processo.*” (Oliveira & Galego, 2005, p.22)

Visa-se através deste processo, a colaboração das partes na resolução do problema, desbloqueando posições intransigentes e conduzindo à busca de soluções participadas e trabalhadas pelas partes.

Desta definição resulta o carácter amplo desta prática, que possibilita várias aplicações: Mediação escolar, social, cultural, civil, comercial, comunitária, desportiva, familiar, laboral, penal, política entre outras.

De acordo com Lemaire e Poitras (2004) as análises sobre a emergência das práticas sociais da mediação identificam-se com duas crises: A Crise do sistema judicial e regulação de litígios e a crise dos laços sociais intimamente relacionado com o sistema de regulação social, onde se inserem a família, a escola e o trabalho. Nesta área, a da intervenção social, assiste-se ao debate sobre tipos, funções e papéis dos vários mediadores, como estratégia de promoção do desenvolvimento das várias categorias de excluídos, visando o esbatimento dos mecanismos que geram na base, situações de desfavorecimento e exclusão social e promovendo processos geradores de inclusão e coesão social.

#### 1.4. MEDIAÇÃO ESCOLAR

---

A mediação escolar surge pois, daquilo que é a mediação em geral e dos exemplos obtidos, sobretudo ao nível da mediação comunitária e sociocultural.

Com base em Alzate (1999), apresenta-se uma resenha histórica da mediação escolar.

Os programas de resolução de conflitos tiveram origem fora do contexto escolar. Na década de 70, a administração do presidente Jimmy Carter impulsionou a criação de centros de Mediação Comunitária. O objectivo destes centros era oferecer uma alternativa aos tribunais, permitindo aos cidadãos reunirem-se e procurarem uma solução para a questão que ali os levava.

Progressivamente, os programas de resolução de conflitos e de mediação no contexto escolar estendem-se por todo o mundo e, actualmente, existem experiências maduras na Argentina, Nova Zelândia, Austrália ou Canadá; na Europa, podemos encontrar experiências desta natureza em países como a França, Grã-Bretanha, Suíça, Bélgica, Polónia, Alemanha, Espanha, entre outros.

A transferência da resolução do conflito da comunidade para a escola terá, assim, partido do pressuposto de que o mesmo é parte integrante da vida social, constituindo uma oportunidade de aprendizagem e de crescimento pessoal para os participantes da vida escolar. (Cohen,1995, citado por Morgado e Oliveira, 2009)

#### 1.5. O DIRETOR DE TURMA

---

Segundo Ferreira (1989) e Marques (1992), as funções dos diretores de turma incluem quatro vetores: funções de orientação dos alunos; funções de coordenação curricular; funções de mediação entre a Escola e a Família; e funções administrativas.



### **Função de Orientação dos alunos**

- a) Conhecer o passado escolar dos alunos.
- b) Conhecer os alunos individualmente bem como a forma como se organizam na turma.
- c) Identificar os alunos com dificuldades e providenciar o seu apoio no âmbito da Acção Social Escolar, nos domínios pedagógico e/ou psicológico.
- d) Analisar os problemas de inadaptação dos alunos e apresentar propostas de solução.
- e) Identificar necessidades, interesses e hábitos de trabalho com vista a um eficaz envolvimento dos alunos nas tarefas escolares.
- f) Detectar e tentar solucionar atempadamente os problemas entre os alunos ou entre os alunos e os professores.
- g) Apoiar iniciativas e projectos que favoreçam a integração escolar e social dos alunos.
- h) Contribuir para o desenvolvimento do espírito cívico, de responsabilidade, de trabalho e de entreatajuda.
- i) Manter os alunos informados acerca dos regimes de faltas e de avaliação.
- j) Sensibilizar os alunos para a importância dos cargos de delegado e subdelegado e organizar a sua eleição.
- k) Afixar periodicamente o mapa resumo das faltas dos alunos da turma.

### **Funções de coordenação curricular**

- a) Fornecer aos Professores da Turma as informações recolhidas sobre os alunos e as suas famílias.
- b) Caracterizar a Turma no início do ano com base em tratamento estatístico (caso exista).

- c) Discutir e definir com os Professores estratégias de ensino-aprendizagem tendo em conta as características da turma.
- d) Aferir em Conselho de Turma critérios de avaliação.
- e) Coordenar o projecto curricular de turma.
- f) Solicitar periodicamente informações aos Professores sobre comportamento e aproveitamento dos alunos e informá-los sobre os mesmos assuntos bem como sobre a assiduidade dos alunos.
- g) Identificar e discutir com os Professores problemas detectados e as suas possíveis soluções.

### **Funções de mediação entre a Escola e a Família**

- a) Comunicar o dia e hora de atendimento.
- b) Preparar e realizar as reuniões com os Encarregados de Educação.
- c) Informar os E.E. sobre as estruturas de apoio existentes na Escola, projectos, clubes, etc.
- d) Informar os E.E. sobre as regras de funcionamento da Escola, do Regulamento Interno e da legislação em vigor (ex. faltas e avaliação).
- e) Preparar as entrevistas individuais com os E.E. e proceder ao registo das mesmas.
- f) Enviar aos E.E. as informações sobre a assiduidade dos seus educandos com a periodicidade prevista na lei.
- g) Comunicar aos E.E. a realização de visitas de estudo.
- h) Envolver os pais na realização de actividades educativas com os alunos e os professores da Turma no âmbito dos projectos em que os seus educandos estejam envolvidos ou de outros contextos de aprendizagem.
- i) Auxiliar os pais no acompanhamento dos seus educandos.
- j) Estimular de maneira efectiva a participação dos pais na vida da Escola.

k) Solicitar a vinda dos pais à Escola sempre que tal seja necessário.

### **Funções administrativas**

a) Organizar e manter actualizado o Dossier de Direcção de Turma.

b) Registar semanalmente as faltas dos alunos.

c) Preparar e coordenar as reuniões do Conselho de Turma e organizar as respectivas actas.

d) Preparar os Conselhos de Turma de Avaliação e, após as mesmas, verificar pautas, fichas biográficas e termos.

e) Coordenar a elaboração, implementação e avaliação do Projecto Curricular de Turma.

## 2.1. PERGUNTA DE PARTIDA E OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

De acordo com Quivy, (2005) uma pergunta de partida constitui normalmente um primeiro meio para romper com o senso comum e deve ao mesmo tempo, ter três qualidades essenciais: clareza, exequibilidade e pertinência, pois através da pergunta de partida consegue-se ter uma ideia clara acerca do objetivo a alcançar. Além disso deve ser precisa, realista e compreensível. ( modo CCC – curta, clara e completa): “(...) com esta pergunta o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível aquilo que se procura saber, elucidar, compreender melhor. A pergunta de partida servirá de primeiro fio condutor da investigação.” ( p.32)

Desta base, nasceu a pergunta de partida que desencadeou o projeto de investigação:  
- Quais são as práticas dos diretores de turma do 3º Ciclo da ESDG? Essas práticas são de mediação?

Para responder a esta questão foram definidos objetivos, que visam uma caracterização dessas práticas.

Objetivo Geral: Caracterizar as práticas dos diretores de turma na escola secundária c/3º Ciclo Diogo de Gouveia

Objetivos Específicos:

Identificar as funções legisladas dos diretores de turma;

Saber se a atuação dos DT utiliza práticas de mediação ;

Explorar oferta formativa disponível para o cargo de Direção turma;

Conhecer a formação inicial e/ou contínua dos DT de 3º ciclo da ESDG;

Identificar obstáculos na realização das tarefas inerentes aos cargo de DT;

Inferir o grau de satisfação na realização das tarefas inerentes ao cargo de DT.

## 2.2. OPÇÕES METODOLÓGICAS

---

A metodologia pode ser definida pelo conjunto “(...) dos processos e instruções de trabalho, dos procedimentos teóricos à implementação dos diagnósticos técnicos, a que recorrem os sociólogos para conhecer e dar a conhecer a realidade social(...)” (Almeida, 1994 p.193).

A metodologia entende-se também como a organização das práticas de investigação. A combinação dos métodos e das técnicas utilizadas na pesquisa, que por natureza, não são boas nem más, apenas adequadas ao objeto em estudo. É a partir desta investigação que se desenvolve a atividade científica e se produz conhecimento científico, ao responder comprovadamente à pergunta de partida. É essencial que se identifiquem as operações técnicas e mentais que possibilitam essa confirmação, que deve ser fundamentada por um método. Ander-Egg (1999) entende a pesquisa como “ (...) um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais “ (p. 48).

Gaston Bachelard, citado por Quivy, (2005) resumiu o processo científico em algumas palavras: O facto científico é conquistado, construído e verificado: Conquistado sobre os preconceitos; Construído pela razão; e verificado nos factos. (p. 25).

Nesta investigação, optou-se por uma metodologia de investigação qualitativa, sendo “(...) é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetivos, de maneira a permitir um conhecimento amplo e detalhado do mesmo (...)” (Gil, 1991, p.78). E permite, “(...) observar indivíduos, grupos, instituições, métodos e materiais, com o fim de descrever, comparar, constatar, classificar, analisar e interpretar, as entidades e os acontecimentos (...)” (Comen e Manion, 1990 p.10).

Este tipo de estudo, relaciona-se com a produção de conhecimento, a partir de uma pesquisa rigorosa, com base nas características dos métodos aplicados, envolvendo desta forma, uma articulação dialética entre a epistemologia, teoria e método.

Este trabalho, insere-se portanto, na Tipologia do Estudo – Analítico Descritivo, uma vez que “ o produto final é uma descrição rica do fenómeno que está a ser estudado, utilizam-se diferentes técnicas de recolha de dados, tais como: a observação, a entrevista, a análise documental e o questionário” (Carmo e Ferreira, 1998 p.217).

É importante referir que este tipo de estudo, não possibilita a generalização dos resultados a outros casos, mesmo que sejam semelhantes.

### **2.2.2. Campo de Análise**

De acordo com o que foi referido e atendendo à importância desta fase da investigação – delimitação do campo de análise, este “deve ser muito claramente circunscrito” , sob pena do investigador se “perder” e não conseguir centralizar e destacar o seu objeto de estudo.

Um critério que pode ser determinante na prática é “*a margem de manobra do investigador: os prazos e os recursos que dispõe, os contactos e as informações com que pode razoavelmente contar, as suas próprias aptidões*” (Quivy, 2005, p.159).

Assim determinou-se o campo de análise a *Escola Secundária com 3º Ciclo Diogo de Gouveia, em Beja*.

### 2.2.3. Unidade de Análise

A unidade de análise ou unidade de observação, é o estabelecimento de limites para a investigação, esta limitação pode ser relativamente ao assunto, selecionando um tópico a fim de impedir que se torne muito extenso ou muito complexo. Pode ser quanto à sua extensão, porque nem sempre se pode abranger todo o âmbito onde o facto se desenrola. Pode ainda ser limitada a uma serie de fatores – meios humanos, económicos e de exiguidade de prazos, que podem restringir o seu campo de ação. (Lakatos e Marconi, 1990 p.27).

A delimitação da unidade de análise, pode também, ser efetuada pelo próprio tema ou objetivos da pesquisa e que segundo Ander-Egg pode ser: Quanto ao objeto, o que consiste em recolher determinado número de variáveis que intervêm no fenómeno estudado, uma vez selecionados o objetivos, este podem condicionar o grau de precisão do objeto; Quanto ao campo de investigação, que se baseia no limite do tempo e espaço da localização da investigação - quadro histórico e geográfico (Ander-Egg, 1978 p. 67).

Como se vê, uma pesquisa demasiado ambiciosa, pode tornar-se impossível de realizar se não houver consciência dos recursos disponíveis (tempo, fonte informativa, acessos...) entre outros obstáculos, que devem ser devidamente previstos de modo a minimizar os maus resultados.

Assim, com base na descrição dos autores referidos sobre a delimitação da unidade de análise e sobretudo com o cuidado de circunscrever o objeto de estudo, determinou-se estudar a mediação escolar, na forma como existe em algumas escolas do país e as práticas dos diretores de turma de uma escola em concreto. Na impossibilidade prática de poder alargar a unidade de análise a todos os diretores de turma (3º ciclo e

secundário), porque seriam mais de trinta, limitámos a investigação aos diretores de turma do 3º ciclo do ensino básico.

Neste caso, pretendemos obter informação dos diretores de turma do 3º ciclo da ESDG, aos quais foram aplicados inquéritos por entrevista semi-diretiva ou semi-estruturada.

Neste ano letivo de 2012/2013, o 3º ciclo do ensino básico constituiu-se por sete turmas, sendo duas turmas de sétimos anos, três turmas de oitavo e duas de nono, embora esta investigação recaia apenas em seis turmas, por impossibilidade de obter informação do 7º A.

#### **2.2.4. Caracterização das Turmas em análise**

De forma a entender os procedimentos legais e práticos adotados pelos DT's, determinou-se analisar a composição das turmas de acordo com o diagnóstico elaborado no início de cada ano letivo, através de um inquérito que é aplicado aos alunos – Bilhete de Identidade Escolar (anexo)

Com base neste documento, o diretor de turma recolhe e sintetiza essa informação que regista num outro documento designado – Registo Estatístico dos Dados (anexo C). A partir deste “resumo”, passa o perfil do grupo ao conselho de turma. É uma informação muito útil para saber que alunos são, de onde vêm, onde e com quem habitam, entre outros esclarecimentos do foro da saúde, para uma integração plena do/da aluno/a.

#### **2.2.5. Técnicas de Pesquisa**

Existem três grupos de técnicas utilizadas em ciências sociais, designadas também por “modos” de recolha de dados: o inquérito (por questionário ou entrevista); observação

(que pode assumir uma forma direta, sistemática ou participante) e análise documental (Lessar-Herbert et al, 1990 p. 143)<sup>2</sup>

Nesta investigação, determinou-se utilizar a análise documental e o inquérito por entrevista.

### **Análise Documental**

Esta é uma técnica que tem com frequência, uma função de complementaridade na investigação qualitativa, ou seja, é usada para “triangular” os dados obtidos através de uma ou duas técnicas (Lessard-Herbert et al, 1990 p.144)

A observação de documentos envolve procedimentos diversificados, logo a sua seleção é também complexa tendo em conta a importância do material que pode realmente constituir documento, no sentido de objeto de observação, capaz de fornecer elementos informativos indiretos à pesquisa em ciências sociais (Almeida e Pinto, 1995 p. 104).

A pesquisa documental foi utilizada durante toda a investigação. A exploração de diversas fontes, iniciou-se logo no princípio do trabalho, recorrendo à pesquisa na internet, pesquisa bibliográfica e análise da legislação. Foi também importante recorrer aos arquivos da escola ESGD, para fazer o seu enquadramento histórico e institucional, assim como recorrer a informação concreta, no sentido de fazer a caracterização das turmas, nomeadamente através de registos dos DT's.

### **A entrevista**

A entrevista é uma técnica importante que possibilita um processo de recolha de informação *“(...) que utiliza a forma de comunicação verbal. Parte do encontro entre duas pessoas, durante o qual, uma pessoa – entrevistador, interroga a outra ou outras*

---

<sup>2</sup> Michelle Lessard-Herbert é investigadora e responsável de cursos na Université du Quebec, em Montreal. Trabalha também como ortopedagoga na Commission scolaire de Gabriel Goyette, Varennes.doutorada em Ciências da Educação pela Université d'Ottawa e responsável pelo Diplome de Deuxieme Cycle d'Integration de la Recherche à la pratique educative, na UQAM. Ensina as metodologias de investigação no Curso de Ciências da Educação.

Gerard Boutin é doutorado pela Université de Fribourg (Psicopedagogia, Antropologia e Psicopatologia. É professor titular na Université du Quebec a Montreal (UQAM).



*– entrevistados, com o objetivo de conhecer as suas opiniões sobre alguns pontos e factos que lhe interessam (...)*” (Amorim, 1993p.83).

As entrevistas podem ser semi-diretivas/semi-estruturadas, diretivas/estruturadas, e abertas. Segundo Quivy e Campenhoudt, as primeiras devem ter um guião de orientação pré-estabelecido pelo qual o entrevistador se vai orientando de forma a obter as respostas, sem interpelar, mas sem perder o fio condutor. No caso da entrevista diretiva/estruturada/centrada, (focused interview) esta é menos flexível, o entrevistador intervém mais, controlando todo o desenrolar da ação.

Na entrevista aberta, conforme o nome indica, o entrevistado é deixado completamente à vontade para falar sobre o tema proposto, esta poder ter apenas uma pergunta inicial, donde se desencadeia toda a entrevista. Este tipo de entrevista é útil na fase exploratória da investigação, fornecendo pistas ao investigador. Também é muito frequentemente utilizada nas histórias de vida. Quando o entrevistado se limita a responder objetivamente, sugerem-se outras questões de forma a encaminhar a entrevista para os objetivos da pesquisa, respeitando pausas e silêncios. (Quivy e Campenhoudt, 2005, p.193)

### **A Análise de Conteúdo**

Para a interpretação dos dados obtidos através das entrevistas realizadas, procedeu-se a uma análise de conteúdo. Esta análise, que é sempre qualitativa, requer algumas técnicas e métodos próprios, para tornar os resultados objetivos e capazes de serem entendidos sem dúvidas.

*“Em que consiste? Em essência, trata-se de uma técnica que procura “arrumar” num conjunto de categorias de significação o “conteúdo manifesto” dos mais diversos tipos de comunicações (texto, imagem, filme); o primeiro objetivo é, pois, proceder à sua descrição objetiva, sistemática e, até, quantitativa (...) é um processo empírico utilizado no dia a dia por qualquer pessoa, enquanto leitura e interpretação; mas, para se tornar numa metodologia de investigação científica, tem de seguir um conjunto de passos que lhe dão rigor e a validade necessária” (...)* (Amado, in A Técnica de Análise de conteúdo)

Um desses passos de que fala o autor é a codificação, designado pelo processo que transforma os dados brutos em unidades, permitindo uma descrição das características relevantes do conteúdo. As unidades de registo e de contexto são agrupadas por categorias pré-definidas no desenho da investigação.

### 2.3. APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram realizadas 6 entrevistas semi-diretivas aos diretores de turma (um dos diretores de turma mostrou-se indisponível para colaborar na investigação) e uma entrevista aberta à coordenadora de diretores de turma, que neste caso também é diretora de turma. As entrevistas realizaram-se durante o mês de Junho de 2013.

De acordo com a metodologia do estudo, as entrevistas foram submetidas a uma análise de conteúdo, categorizadas conforme se apresenta:

QUADRO Nº 5 – COMPILAÇÃO DOCORPUS DAS ENTREVISTAS

Categoria	Questão/ Subcategoria	Entrevista 1	Entrevista 2	Entrevista 3	Entrevista 4	Entrevista 5	Entrevista 6
Identificação	Idade Sexo	37 anos Feminino	43 anos Feminino	43 anos Feminino	35 anos Feminino	40 anos Feminino	53 anos Feminino
Caraterização Profissional	Habilitações	Licenciada em ensino de português/Licenciada em Línguas, literaturas e culturas – português e espanhol e Mestre em Observação e Análise da relação educativa	Licenciatura em ensino de história Mestre em Sociologia	Licenciada	Mestre	Licenciada em línguas e literaturas modernas, variante de estudos portugueses e ingleses – ramo educacional	Licenciatura em ensino de Física e Química
	Tipo de Profiss.	Estágio integrado	Curso via ensino	Estágio integrado	Estágio pedagógico	Estágio integrado	Estágio integrado
	Vínculo Profiss.	PQND - ESGD	QZP - Beja	PQND	QND	QE - Serpa	PQND
	Nº anos ensino	14	20	20	12	17	29
	Nº anos no cargo DT	4	14	10	4	15	NS precisar
	Nº anos na ESGD	4	4	10	4	4	23

	Nº anos DT na ESGD	1	4	10	4	4	NS precisar
	Formação I para DT	Não	Não	Não	Não	Não	Não
	Formação C para DT	Não	S - sobre direção de turma em 1994	Não	Não	Não	Não
	Necessidade de Formação na área	Sim	Não, os coordenadores informam corretamente	Sim	Não	Não	Não contínua Sim, de reciclagem
Caraterização das funções no cargo de DT	Nº de horas semanais que dedica ao cargo	2 horas	2 horas	2 horas oficialmente e mas na prática mais	2 horas	2/3 - nos finais de período mais	4 a 5 horas no mínimo
	Esse tempo é suficiente?	Não	Sim	Não	Sim	Por vezes	Sim
	Funções desempenhadas habitualmente	Todas as que dizem respeito ao DT	Atendimento aos EE; Registo de assiduidade; Ligação entre pais e professores; Envio de sms, emails e cartas.	Atendimento aos pais/EEs; Contactos com pais/EEs; Resolução de conflitos; Tarefas burocráticas; Atendimento aos alunos; Contactos com o conselho de turma.	Professora; Diretora de turma; Professora de dança; Membro da comissão de avaliação.	Contactos com EEs; Verificação de assiduidade; Justificação e mapas de faltas; Gestão de conflitos; Pesquisa de oferta formativa; Organização de sessões de OV; Envio de correspondência	As funções relacionadas com a direção de turma
Distribuição aproximada da % tempo pelas tarefas desempenhadas	Burocráticas 25% Reuniões 20% Atend. P/EE 15% Atend. Alunos 15% Resol Conflitos 15% Projetos turma 10%	Burocráticas 25% Reuniões 10% Atend. P/EE 25% Atend. Alunos 25% Resol Conflitos 10% Projetos turma 5%	Burocráticas 20% Reuniões 10% Atend. P/EE 30% Atend. Alunos 10% Resol Conflitos 25% Projetos turma 5%	Burocráticas 30% Reuniões 25% Atend. P/EE 25% Atend. Alunos 10% Resol Conflitos 5% Projetos turma 5%	Burocráticas 30% Reuniões 30% Atend. P/EE 20% Atend. Alunos 10% - em sala sempre que necessário Resol Conflitos 10% Projetos turma 0%	Burocráticas 40% Reuniões 25% Atend. P/EE 25% Atend. Alunos 10% Resol Conflitos 0% Projetos turma 0%	

	Obstáculos ao cargo/funções de DT	Não	A não comparência e a demissão dos EEs no acompanhamento dos seus educandos	Não	Excesso de burocracia; Morosidade de alguns processos; Desorganização da diretrizes letivas; Falta de responsabilização dos EEs perante comportamentos dos seus educandos.	Não	Não
Mediação Escolar	Conceito de mediação	“... A procura de um entendimento entre as partes após um conflito”	“... Elo de ligação entre a escola e a família, o aluno, o meio em que se insere...”	“Intervenção para solucionar problemas /conflitos. (...) ponte ou elo de ligação entre as partes”	“Ação que permite ao docente fazer a ligação entre EE e escola e (...) mediar esse processo.”	“É um procedimento para resolução de controvérsias, no qual uma terceira pessoa imparcial – o mediador – assiste e conduz as duas ou mais partes a identificarem os pontos de conflito e posteriormente, porem fim ao mesmo.”	“É um processo que promove a ligação /aproximação entre partes (...) conduzido por um intermediário /mediador.
	Conhecimento da mediação escolar	Não	“Mais ou menos”	Não	“Apenas do ponto de vista empírico, uma vez que está inerente às minhas tarefas enquanto professora e especialmente enquanto DT.”	Não	“... os largos anos de experiência (...) permitem entender o que se pretende com a mediação escolar”
	Sentimento de mediador no cargo de DT	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
	Atuação em situação de conflito	“Ouvir as partes envolvidas de forma isenta e recolher o máximo de informação sobre o conflito. Procurar acalmar os envolvidos e discutir a questão com	“Tento conciliar as duas partes envolvidas, promover o diálogo e resolver os problemas.”	“ouvir todos os intervenientes, tomar conhecimento dos factos e depois agir em conformidade”	“Procuro ouvir as partes (...) as minhas ações decorrem dessa primeira abordagem”	“Participo e coordeno reuniões com as partes envolvidas, intervindo sempre que necessário com vista à melhor resolução	(...) “imparcialidade e bom senso”

		bom senso.”				dos problemas, nunca impondo às partes uma solução.”	
	Opinião e justificção sobre se as funções de DT devem ser exercidas por um professor ou mediador escolar	Professor. Porque “ existem especificidades na mediação escolar que considero serem mais facilmente resolvidas por um professor que por outro profissional”.	Professor. Porque é a pessoa que estabelece com os alunos uma relação mais próxima e está inserido no contexto escolar.”	Professor. Porque “tem contato direto com os alunos e com a realidade escolar, está inserido no processo formativo e educativo do aluno, não é um elemento externo.”	Professor. Porque tem mais contato e conhece mais a turma.	Professor. Porque conhece a turma e a escola.	Professor. Porque “além do contato estreito e regular com os alunos, existe também uma aproximação e dialogo com todos os professores da turma.”
	Satisfação e competência na realização das funções de DT	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
	Questões /sugestões pertinentes da experiência de DT	--	“Os DTs deveria ter condições para atendimento aos EE’s, gabinetes como temos aqui na ESDG, em muitas escolas há apenas uma sala sem compartimentos e sem privacidade.”	--	--	--	--

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos constatar que a prática dos diretores de turma na ESDG, coincide em diversas ações da mediação escolar, no entanto, se analisarmos a metodologia geral de intervenção, verificam-se algumas diferenças. Embora as docentes entrevistadas se considerem mediadoras e deleguem estas funções ao cargo que desempenham em vez de outro profissional de educação, a intervenção que é feita incide na generalidade, nas situações de conflito manifesto. O facto justifica-se pelos objetivos primordiais de uma (mediador) e outra função (diretor de turma). Se observarmos a legislação que sustenta o cargo de diretor de turma, aponta essencialmente para as questões da aprendizagem, ou seja, sabendo que a missão das escolas é a promoção do sucesso educativo, os seus agentes têm a sua ação direcionada para esse fim, intervindo nas situações em que algum episódio/conflito, surge e impede ou possa impedir a ação educativa. Referimo-nos à questão da assiduidade ou falta dela, que é controlada pelos diretores de turma; às questões relacionadas com o normal funcionamento das aulas, onde o também os diretores de turma intervêm, entre outras situações que manifestamente interrompam ou intervenham de forma negativa, no processo ensino-aprendizagem, para o qual a escola está vocacionada. Claro está, que partimos do princípio que a frequência da escola é voluntária e que o seu público-alvo (os alunos) conhece as normas e as regras da instituição que frequenta. Sabemos que atualmente a voluntariedade acompanha a obrigatoriedade e por vezes não é fácil gerir estes processos, onde os atores diretos fazem o que podem, sem obter os resultados desejados.

Para isso contribui a formação específica que os elementos de uma equipa de mediação têm, no caso dos diretores de turma, como se percebe, a formação de base é na área da sua competência científica para a qual estão habilitados (português, matemática, história...), a oferta de formação inicial ou continua na área da mediação escolar direcionada aos professores que desempenham estes cargos, é quase inexistente e a que existe é geograficamente fora do alcance da maioria dos docentes, em especial no Alentejo que conforme foi referido anteriormente, é parca.

Como foi referido no contexto desta investigação, a escola em análise, não tem historial de grandes problemas relacionais ou de impacto negativo que justifique a implementação de projetos ou programas voltados para o combate à violência, indisciplina, abandono, etc, e que aí sim, poderiam fazer parte técnicos especializados. Portanto, os diretores de turma atuam consoante a disponibilidade horária a que estão obrigados, sendo que existem alturas de mais trabalho, como são os finais de período, fora isso, a sua prática está de acordo com aquilo que são as competências previstas para o cargo e as funções que lhe estão incumbidas por lei.

Foi neste contexto, que percebemos o trabalho do diretor de turma, tão banalizado, na forma como está instituído, mas tão importante na figura que representa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Almeida, J. Ferreira et all (1994). *Introdução à sociologia*, Universidade Aberta, Lisboa.
- Carmo, Hermano e Ferreira, Manuela Malheiro (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para auto-aprendizagem*, Universidade Aberta, Lisboa.
- Comen, Luis e Manion, Lawrence (1990). *Métodos de Investigation Educativa*, 3ª Ed., Editorial Muralla, SA., Madrid.
- Detry, B e Cardoso, A. (1996) *A Construção do Futuro e a Construção do Conhecimento*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Giddens, Antony. (2002) *Sociologia*, 3ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Gil, António Carlos (1991). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, 3ª Ed., Editorial Atlas, SA., Madrid.
- JARES, X. (2002). *Educação e Conflito: guia de educação para a convivência*. Edições Asa. Porto.
- Mialaret, Gaston, (1999). *As Ciências da Educação*, Livros e Leituras, Lda., Lisboa.
- Neto, Luis Miguel; Marujo, Helena e Perloiro, Maria, (2001) *Educar para o Optimismo*, 5ª edição, Editorial Presença, Lisboa.
- Reboul, Olivier, (1982). *O que é Aprender?*, Livraria Almedina, Coimbra.
- Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 4ª Ed., Gradiva, Lisboa.

### Webgrafia

- ♣ Crispino, Alvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n54/a02v1554.pdf>. acedido em 31-08-2013.



- ♣ Favinha, Marília. A Mediação e a Criação de Novos Contextos Educativos. Artigo, Jun-2012. Disponível em <http://hdl.handle.net/10174/8189> Acedido em 10 de Setembro de 2013.
  
- ♣ SILVA, Ana M. Costa e et al . **Novos actores no trabalho em educação: os mediadores socioeducativos.** **Rev. Port. de Educação**, Braga, v. 23, n. 2, 2010. Disponível em [http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0871-91872010000200006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872010000200006&lng=pt&nrm=iso) . acedido em 25 abril de 2013.
  
- ♣ Grossi, Patrícia Krieger & Santos, Andréia Mendes. Desvendando o fenómeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brazil - Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.  
Revista Portuguesa de Educação, 2009, 22(2), pp. 249-267  
© 2009, CIED - Universidade do Minho. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpe/v22n2/v22n2a11.pdf>. Acedido em 1 Agosto 2013
  
- ♣ Morgado, Catarina e Oliveira Isabel  
Mediação em Contexto Escolar – Transformar o Conflito em Oportunidade  
Exedra, 2009, Revista Educação/Formação - acedido em 24 de Abril de 2013
  
- ♣ Um Olhar Socioeducativo: Relatos de experiências em mediação de conflitos em ambiente escolar - IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas – “História, Sociedade e Educação no Brasil” – ISBN 978-85-7745-551-5 – acedido em 27 de Julho de 2013

<http://www.comitepaz.org.br/download/Entrevista%20A%20P%C3%A1gina.pdf> acedido em 20-07-2013

<http://www.forum-mediacao.net/> acedido em 10-05-2013

<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/666/1/LC209.pdf> acedido em 23-07-2013

[http://www.gepe.min-edu.pt/np4/?newsId=520&fileName=GEPE\\_Setembro.pdf](http://www.gepe.min-edu.pt/np4/?newsId=520&fileName=GEPE_Setembro.pdf)

acedido em 23-08-2013

<http://www.iacrianca.pt/> (acedido em 13-08-2013)

[http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=1517088&page=1](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1517088&page=1) acedido em 12-08-2013

<http://www.iacrianca.pt/> (acedido em 13-08-2013)

<http://www.dgdc.min-edu.pt/teip/index.php?s=directorio&pid=21> (acedido em 20-08-2013)